

1. Com o golpe militar de 25 de Abril e a derrocada do regime colonial-fascista, profundas alterações políticas viram o dia em Portugal. No meio da desde então vertiginosa evolução da situação política, põe-se às organizações revolucionárias e marxistas-leninistas a tarefa, não de alterar o seu objectivo estratégico, o derrube do capitalismo e a construção do socialismo, que permaneceu actual, mas sim de definir uma tática justa que respondesse às novas tarefas da nova situação, pois que as velhas respostas, úteis sob o fascismo, só levariam, caso fossem religiosamente mantidas, à inoperância ou a erros graves.

Por outro lado, as embora tacañas liberdades burguesas permitiam que se trouxesse à discussão "mais pública" e mais ampla uma série de questões e problemas sobre os quais o movimento marxista-leninista e o movimento revolucionário se vinham debruçando, lenta mas progressivamente, nos últimos anos, questões e problemas que dizem respeito à própria situação do movimento m-l e do movimento revolucionário portugueses.

2. Não ficaram as CEURs alheias ao autêntico debate no seio dos m-l e dos revolucionários cuja unidade (paralelamente ao trabalho de massas, inadiável) inúmeras "vozes" apontavam.

Assim, a nossa organização deita presentemente mãos à tarefa, não só de resolver os seus problemas imediatos (a definição de uma tática justa e actualizada para uma política revolucionária estudantil, definição da posição revolucionária quanto a uma tática justa para o movimento sindical dos estudantes), mas abordaremos também problemas gerais do movimento revolucionário (que também nossos são) quanto à análise da actual situação política, da tática para o movimento revolucionário em geral (de que nós, estudantes revolucionários, somos uma "parcela"), da existência ou não neste momento em Portugal de um Partido Comunista Marxista-Leninista, da razão ou não que assiste a várias organizações de se reclamarem do marxismo-leninismo, da via para a unificação dos marxistas-leninistas portugueses, isto é, da via para a construção de um forte e único Partido Comunista Marxista-Leninista. Afloraremos além disso no nosso debate outras questões que embora não consideremos significativas das presentes "preocupações" dos movimentos m-l e revolucionário portugueses, alguns camaradas ou alguns comités de Escola levantaram.

3. É do último tipo quanto a nós a questão tratada no texto polémico que segue, a questão da etapa da Revolução em Portugal, e que em síntese se pode pôr nestes termos: "Revolução Democrático-Popular, parte integrante da Revolução Socialista" ou "Revolução Democrático-Popular, igual a Revolução Democrático-burguesa de tipo novo"? (o leitor confuso verá estes conceitos esclarecidos no decorrer do próprio texto).

O texto polémico seguinte representa a fundamentação por parte de alguns camaradas militantes das CEURs da sua defesa da "Revolução Democrático-burguesa de tipo novo", posição marcadamente original nas fileiras dos revolucionários nos dias que vão correndo.

Achou-se assim útil passar ao papel esta posição divergente da linha oficial das CEURs, porque facilita o debate nas CEURs, além de que nada obsta em princípio (desde que a organização se pronuncie nesse sentido e controle essa saída) que seja também levado até fora das CEURs, inclusivamente a camaradas não militantes com quem estamos interessados em discutir as questões constantes na ordem de trabalhos do nosso debate.

Este texto polémico encerra pois a posição que, titubeante a princípio, se veio elaborando, e que hoje alguns camaradas militantes das CEURs fazem sua, sobre a etapa da Revolução, se bem que o leitor perspicaz reparará que também sobre outras questões constantes do debate das CEURs, este texto dá indícios de posições divergentes quanto à linha oficial das CEURs.



4. Dos militantes das CEURs ninguém estranhará o surgimento destes textos polémicos, de que este é o primeiro. Aos revolucionários não militantes das CEURs reafirmamos não ser incompatível a existência de textos polémicos não estritamente de circulação interna com o carácter da nossa organização.

As CEURs são uma organização que se rege pelo centralismo democrático, como tal dotada de uma linha única.

Considerar contudo a própria organização que a situação que descrevemos em 1., exija a abertura de um debate nas CEURs, o que é qualitativamente diferente da luta ideológica que sempre deve existir, e sem a qual o centralismo democrático não é uma arma mas um empecilho, pois se transforma em centralismo burocrático. E a profundidade do debate aconselha quanto a nós a existência destes textos.

Claro que entretanto o centralismo democrático persiste em vigor, e por isso as CEURs continuam a defender a sua linha oficial, por mais que textos polémicos a ponham em causa: defesa da Revolução Democrático-Popular, parte integrante da Revolução Socialista, apoio ao jornal "A Verdade" e ao Partido de Unidade Popular (P-UP), apoio aos comunistas portugueses e em particular apoio à única organização comunista, o Partido Comunista de Portugal (Marxista-Leninista) - PCP(m-l) - fundado em 1970 a partir do CMLP-Comite Marxista-Leninista Português - e à União dos Estudantes Comunistas (Marxista-Leninista) - UEC(m-l) - sua organização de massas para o meio estudantil.

Esta linha oficial advém para as CEURs pelo simples facto de serem o braço estudantil das Comissões de Unidade Popular (CUPs).

E a linha oficial continua a nortear todo o trabalho das CEURs (e de todos os seus militantes) nas batalhas políticas que travem porque a guerra de classes não parou. Se na iminência de grandes confrontos, o centralismo democrático fosse uma palavra vã e os militantes perdessem a disciplina que é dada pela voz única da linha oficial e se perdessem em longas discussões "democráticas" no campo de batalha, por certo que o fogo inimigo nos desbarataria. Seria assim que as CEURs inevitavelmente perderiam a guerra...

O debate em que as CEURs se lançam hoje apontará sim para a realização de uma Conferência Nacional, onde esta linha oficial será reafirmada em bloco, ou alterada em alguns pontos ou profundamente alterada nas suas traves mestras.

5. Julgamos justa a decisão de lançamento do debate que temos em mãos. Julgamos dever de todo o revolucionário na actual situação de crise e dispersão do movimento revolucionário sujeitar ao fogo da luta ideológica da discussão política, a teoria para o movimento revolucionário (e m-l), Julgamos dever de todo o revolucionário criticar todo aquele que, militante ou não das CEURs, demonstre menosprezar na teoria ou na prática a necessidade do debate e da luta ideológica.

Julgamos dever de todo o revolucionário denunciar o obscurantismo dos que, empunhando a bandeira do combate ao dogmatismo e ao sectarismo, e resvalando perigosamente para o unitarismo sem princípios, revelam o mais descabelado sectarismo contra, por exemplo, o jornal "A Verdade", e o mais descabelado dogmatismo, ao substituírem a argumentação política pelo prestígio (?) de alguns "ditadores da moda revolucionária". Referimo-nos porque, como é norma dos revolucionários que as CEURs têm como militantes, e dos comunistas que muitos de nós somos, falamos direito, alto e claro aos camaradas da URML, CARR(m-l), CCR(m-l) e UDP, da OCMLP e FEC(m-l).

O PCP(m-l), como a sua imprensa revela, abriu um debate nas suas fileiras onde pretende fazer um balanço da sua actividade e erros, se preenunciará sobre se deve continuar a considerar-se Partido ou não, se preenunciará sobre a via para a unificação dos comunistas. Todos os revolucionários e principalmente os comunistas saudam o aspecto positivo desse debate e e



xigem a esses camaradas que o debate corresponda de facto à justeza dos propósitos anunciados.

Se da parte dos camaradas da URML há indícios de uma autocrítica sobre a sua actividade geral e sobre os seus "desvaneios" com a corja trotsquista da nossa praça; se também os camaradas da CARP(m-1) fazem luta ideológica nas suas páginas, levantando questões importantes e factos graves do movimento m-1 dos últimos anos, mas pecando por uma superficialidade de argumentação e ligeireza de conclusões que sinceramente julgamos que nem aos seus militantes escapará; denunciámos contudo a recusa por parte de camaradas responsáveis da UDP e da FEC(m-1) de apoio à plataforma do PUP à recusa em quererem explicar a cisão que provocaram face às eleiçõesmesmo quando convidados, mesmo quando presentes, nos comícios do P-UP, etc, etc.

Nós, revolucionários das CEURs, ao mesmo tempo que aguardamos a autocrítica do PCP(m-1) quanto aos seus erros, que o seu 6º Congresso aprontará, achamo-nos no direito e no dever de exigir aos camaradas da CARP(m-1) uma autocrítica sobre a sua criminosa atitude liberal face ao porte na cadeia, de exigir aos camaradas do "Grito do Povo" uma autocrítica sobre o seu guevarismo e guerilheirismos passados, bem como sobre o seu sectarismo passado e presente(a proposito, às CEURs uma boa maquia devido, aos montes de exemplares do "Luta Estudantil" nº1 dos CP-UEPs que vocês, camaradas, queimaram no Porto sob o fascismo publicação que convocava uma manifestação revolucionária), de exigir aos camaradas da URML e dos CARP(m-1) uma autocrítica, sobre o seu trotskismo (e o trotskismo camaradas não é um mero desvio "esquerdista", é uma teoria que já por alturas da 2ª Grande Guerra e hoje se tiver oportunidade, mostrou-se e mostrará a sua natureza contra-revolucionária, ao serviço do imperialismo e da reacção, mundial)

Particularmente em relação ao meio estudantil, meio onde, desenvolvemos actividade (quem diz que a nossa linha política é só defendida por estudantes, engana-se ou tenta enganar-aliás se fossem só estudantes os defensores da nossa linha política, por certo esses camaradas não se preocupariam tanto conosco -e além disso faz lembrar a raposa da fábula que diziaolhando para as "uvas": "Estão verdes!", em relação ao meio estudantil gostaríamos de perguntar aos camaradas "democratas-populares pós-abrilescos" dos CCR se não veem algo de errado em ter durante anos combatido a luta revolucionária que também nós CEURs impulsionámos no meio estudantil, em terem distribuído pelas universidades (poucas vezes e em pequena quantidade valha-nos isso) propaganda trotskista, onde por exemplo se chamava "direitista" Amílcar Cabral? Gostaríamos de perguntar aos camaradas do "Grito do Povo" se não veem nada de errado na teoria que durante muito tempo defenderam e que pregavam, sob o fascismo, o abandono das AAEE, se não veem nada de errado em, os seus CRECs, terem contribuído para sabotar manifestações revolucionárias (como a de 12 de Outubro de 73 no Porto), fazendo uma convocação divisionista, uma semana depois da nossa convocação, de braço dado com o MRPP (que apoiou a convocação do "Grito do Povo"), MRPP com quem andaram em 72-73 largos meses de braço dado, a quem chamavam "camaradas", enquanto que queimavam a nossa propaganda?

6. São estes erros e os nossos que o debate das CEURs deverá pôr a nu!

Este texto polémico que "alguns militantes das CEURs de Medicina" elaboraram é útil para esse debate. Por isso a direcção das CEURs diz: "Imprima-se!"



A Comissão Política  
da  
Direcção das CEURs

16/2/75